



O trabalho de jornalistas em arranjos econômicos independentes: uma interpretação a partir dos rastros digitais

Cláudia Nonato (CPCT-ECA/USP)¹
Fernando Felício Pachi Filho (CPCT-ECA/USP/FTT/Unip)²
Naiana Rodrigues da Silva (CPCT-ECA/USP/UFC)³

Resumo: A compreensão do trabalho realizado por jornalistas em arranjos econômicos independentes de corporações de mídia passa necessariamente por um questionamento acerca dos conteúdos produzidos para a mídia digital. Neste trabalho, a partir de um arquivo digital constituído por meio da extração de dados de mídias digitais e sites desses arranjos via Netlytic, procuramos formular hipóteses acerca dos rastros digitais capturados e organizados pelos softwares no levantamento de dados realizado durante o período eleitoral de 2018. A partir dos referenciais teóricos-metodológicos da análise de discurso materialista, buscamos compreender as condições de produção do discurso desses arranjos e o que nos é dado a ler pelas ferramentas tecnológicas.

Palavras-chave: trabalho; arranjos econômicos independentes; jornalismo de plataforma; mídia digital; rastros digitais

1. Introdução

¹ Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. E-mail: claudia.nonato@uol.com.br

² Pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor de Comunicação na Faculdade de Tecnologia Termomecânica (FTT) e na Universidade Paulista. E-mail: ffpachi@yahoo.com.br

³ Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: naianarodrigues@usp.br

As plataformas digitais constituem-se como base para o trabalho dos jornalistas em arranjos econômicos independentes de corporações de grande mídia. Os sentidos produzidos em reportagens, vídeos, fotos e links que configuram a materialidade discursiva do trabalho desses profissionais. Com objetivo de iniciar uma análise discursiva dos conteúdos de mídia digital elaborados por esses arranjos no período que cobre o primeiro e o segundo turno das eleições de 2018, constituímos um arquivo digital por meio do software *Netlytic*, que seleciona, extrai e categoriza dados em meio a intensa circulação discursiva que ocorre na Internet. Os dados são assim quantificados e necessitam de interpretação. Neste trabalho, a partir da análise do funcionamento das plataformas digitais e dos princípios teórico-metodológicos da Análise de Discurso materialista, questionamos as formas de ler determinadas pelo software. Os rastros digitais e os dados quantificados, que apagam a circulação simbólica e o sujeitos do discurso, devem ter sua opacidade restituída, de modo que os sentidos sejam compreendidos em seu funcionamento.

Ao longo desse texto, apresentamos aspectos teóricos relativos à produção jornalística em plataformas digitais e, a partir do conceito de arquivo no domínio da Análise de Discurso, procuramos mostrar os efeitos da leitura tecnológica proposta pelo site e a insuficiência da quantificação dos dados para a compreensão das relações de comunicação e trabalho. Em seguida, apresentamos o que os dados extraídos e classificados pelo software nos permitem dizer sobre a produção jornalística e a sensibilidade desses arranjos ao agendamento proposto no período eleitoral.

2. Arquivos digitais: análise e interpretação de sentidos

O ambiente das mídias digitais se constitui como um grande arquivo de documentos que abarcam questões variadas de ordem social, política e econômico por meio do qual os analistas buscam compreender os temas em voga que conformam o imaginário social. Romão (2005) explica que os documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão na internet são parte da prática organizativa da rede e compõem uma memória autorizada a circular. Em mídias como o Facebook, objeto de nossa pesquisa, este arquivo se constrói em movência a cada postagem e com atualização permanente a partir de várias vozes, cujas extensões e conexões são imprevisíveis. Desse modo, as pos-

tagens de textos, vídeos e links abrem a possibilidade de que se produzam leituras e interpretações em diferentes posições. Este espaço heterogêneo e múltiplo também está marcado pela desigualdade numa sociedade em que poderes e saberes não estão distribuídos de forma homogênea. Diante dessa complexidade, na constituição de sentidos nas mídias digitais em seu funcionamento reticular, é necessário questionar-se sobre as formas de leitura e interpretação dos documentos recortados deste imenso arquivo.

Some-se a isso o fato de que volumes expressivos de dados e rastros de nossas ações são gerados, monitorados e tratados, o que constitui, como explica Bruno (2012), imensos arquivos de nossos modos de vida, que servem para vigilância, publicidade, entretenimento, serviços e para a própria pesquisa acadêmica, ou seja, seu valor se relaciona ao conhecimento que eles possibilitam. Os rastros são abordados como evidência de um ato ou característica dos indivíduos, sendo que a ambiguidade e a polissemia são desprezadas. Os algoritmos criados para monitoramento e tratamento dos rastros permitem a emergência de um saber sobre as quantidades de dados e das correlações entre eles, cuja objetividade seria garantida pelos próprios algoritmos.

Neste contexto, a relação com o arquivo, mediada por uma questão de pesquisa, no nosso caso compreender o processo discursivo dos arranjos econômicos alternativos durante as eleições de 2018, é determinante para a compreensão da própria discursividade. Isso porque sua leitura, como aponta Dias (2015; 2018), é parte do momento de sua circulação, e a textualização é determinada pelo processo de atualização dos sentidos, ou seja, dos dados pela circulação em grande quantidade. Além disso, o digital também deve ser compreendido não apenas como forma de produção da tecnologia, mas como condição e meio de produção de formas de existência capitalista, constituídas historicamente e nas quais intervêm a política e a ideologia.

É necessário, assim, como explicam Guillaumou, Maldidier e Robin (2016, p.116) considerar a complexidade do fato arquivístico, sem tomar a materialidade do arquivo como evidência. Na perspectiva desses autores, o arquivo não é o reflexo passivo da realidade institucional, ele é organizado, em sua materialidade e diversidade, pelo campo social. Dessa forma, é possível pela leitura do arquivo conhecer os dispositivos e as configurações significantes ali presentes.

Segundo Gallo, Schmitt e Souza (2007), apesar da aparente liberdade, a polissemia dos sentidos e as diversas maneiras de interpretar são limitadas pelo gesto de leitura tecnocientífico. Esse discurso é determinado duplamente: pelas suas características e possibilidades/limites, e de outro, pela característica própria da linguagem informatizada – digital. Os dois determinantes definem o recorte para o arquivo que “seleciona” os textos, compondo aquilo que constitui a memória. Como explica Pêcheux (1994), são duas culturas envolvidas no gesto de leitura do arquivo: a dos literatos e a dos cientistas, que criam os instrumentos e produzem lugares diferentes de produção de sentidos. Predomina hoje a leitura científica devido ao acúmulo de dados disponíveis. São estes instrumentos que constituem os aparelhos de poder e administram a memória coletiva.

Desse modo, o arquivo informatizado é determinado pelo pré-construído do discurso científico da rede e não dos discursos onde os textos disponibilizados são produzidos. Segundo Pêcheux (1994,p.60), este fato repercute diretamente sobre a relação de nossa sociedade com sua própria memória e história, podendo haver risco de “uma normalização asséptica da leitura e do pensamento, e de um apagamento seletivo da memória histórica”. Já no século 20 impõe-se a necessidade de gestão administrativa dos documentos textuais, fato que se junta à construção de línguas lógicas artificiais. Este trabalho se reorganiza na contemporaneidade porque não é mais possível ler sem instrumentos. Predomina a lógica de classificações determinada pela informática e pela gestão administrativa, combinadas no processo de extração, organização, interpretação e gestão de dados como um todo.

Para compreender os discursos jornalísticos que se apresentam aqui decompostos em uma classificação automática construída pelo próprio software de coleta de dados, é interessante olhar para algumas características das plataformas online, que coordenam papéis na atualidade de dispositivos comunicacionais, tecnológicos e sociais.

3. Jornalismo na sociedade de plataforma

Para refletir sobre as condições de produção do trabalho e do discurso jornalísticos é relevante compreender as implicações da plataformização da web (Helmond, 2015) e da sociedade (Van Dijck, 2017; 2018). Afinal, as plataformas online são um elemento central na contemporaneidade e sua imbricação nas dinâmicas sociais força os

Estados a repensarem suas estruturas democráticas e de governança (Van Dijck; Poell; Wall, 2018). A ubiquidade das plataformas online no século XXI incide de tal modo na vida em sociedade que a própria palavra plataforma se tornou um marcador de diferenciação para práticas, processos e sistemas sociais que se transformaram. Capitalismo de plataforma; turismo de plataforma; trabalho de plataforma são alguns exemplos desse fenômeno que aponta para uma reestruturação de modelos econômicos, culturais e sociais. Até o jornalismo se plataformizou (Bell; Owen; Brown; Hauka; Rashidian, 2017), significando que a presença jornalística nas plataformas digitais provocou transformações estruturais não apenas em seu modo de distribuição/circulação, mas na organização, produção e consumo do trabalho jornalístico e das empresas de mídia.

Bell; Owen; Brown; Hauka; Rashidian (2017), em uma extensa pesquisa com organizações midiáticas tradicionais e nativas digitais dos Estados Unidos, observaram que plataformas de mídias sociais como Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat, dentre outras, tornaram-se editores ou *publishers*, ditando de forma direta o modo de organização dos formatos jornalísticos e o modelo de negócios dessas instituições.

Helmond (2015, p. 01) define plataforma como um modelo de infraestrutura tecnológica e econômica dominante na web e cujas consequências podem ser percebidas nos contextos sociais e históricos. A autora reflete sobre o momento em que o modelo de operação de plataformas de mídias sociais como o Facebook tornou-se paradigmático para toda a internet, estendendo-se para sites e portais cujas finalidades não são necessariamente a construção de redes sociais. Em termos tecnológicos, uma das características da plataformização é a programabilidade, que pode ser compreendida, de modo sintético, como a capacidade de um sistema de ser moldado, programado de acordo com os usos e apropriações de agentes externos a ele com vistas a aperfeiçoar a finalidade da plataforma ou ampliar sua extensão para outras atividades ou finalidades (Helmond, 2015, p. 03). No cerne desse fundamento tecnológico estão os algoritmos e a *Application Programming Interface* (API) que criam condições para que os usuários (sejam eles sujeitos ou sistemas tecnológicos) possam interagir com os bancos de dados que compõem a plataforma. Conforme Van Dijck; Poell; Wall, (2018, p. 09), as APIs das plataformas proporcionam acesso aos dados por terceiros mostrando métricas e comportamentos dos usuários que orientarão novas ações, serviços, aplicações ou plataformas.

Em uma analogia com o jornalismo, a API é o gatekeeper ou o curador de uma plataforma, pois define quem tem permissão para acessar seu banco de dados. A API, na perspectiva de Helmond (2015), é o que possibilita a plataformização da web e tem um papel incisivo na descentralização da produção de dados e na centralização da coleta de dados. Analisando as características do Facebook como plataforma, a autora observa que a programabilidade permite, por exemplo, o registro em sites ou em outras plataformas utilizando-se apenas o login e senha de acesso ao Facebook. A ação que significa rapidez e comodidade para o usuário, para a plataforma tem o sentido de descentralização, pois possibilita que o Facebook não fique restrito ao seu próprio aplicativo ou sistema e se espraie pela web. Ao mesmo tempo, a descentralização implica em uma ampliação ou extensão dos tentáculos de coleta de dados do Facebook que passa a ocupar um lugar cada vez mais central no “ecossistema de plataformas” (Van Dijck; Poell; Wall, 2018). Helmond (2015) denomina essa dinâmica de dupla lógica da plataforma.

O negócio do Facebook não é apenas a construção de sociabilidade por meio do compartilhamento de informações, mas a elaboração de uma grande base de dados, a verdadeira riqueza das plataformas. E o jornalismo contribui para essa acumulação de propriedades na medida em que mantém o ambiente comunicacional das redes sociais aquecido por meio de seus conteúdos. Porém, as plataformas não aquecem o modelo de negócios do jornalismo, tanto que grandes organizações questionam cada vez mais a viabilidade de investimentos nas plataformas de redes sociais.

Ao mesmo tempo em que as plataformas de redes sociais desafiam os modelos de negócios das grandes organizações midiáticas, elas se tornam gradativamente indispensáveis para a circulação da produção jornalística, afinal, plataformas como Facebook e Google são a entrada dos leitores para as notícias. “Segundo a Parse.ly, que monitora o mercado editorial, no final de 2016 45% do tráfego de referência para sites de meios de comunicação vinha do Facebook e 31% do Google” (Bell; Owen; Brown; Hauka; Rashidian, 2017, p. 54-56). Daí porque os arranjos de jornalismo independentes e/ou alternativos mantêm perfis nas principais plataformas de redes sociais brasileiras, Twitter e Facebook.

Contudo, nem todos os arranjos praticam jornalismo de plataforma com conteúdos nativos. Bell; Owen; Brown; Hauka; Rashidian (2017, p.57) definem conteúdo nati-

vo como “o material hospedado totalmente em plataformas de terceiros”, diferenciando-se assim da postagem que se caracteriza como um link cujo intuito é conduzir o leitor até o site do produtor jornalístico, valendo-se assim do espaço das plataformas como gerador de tráfego para seus portais ou sites de origem.

Algumas pistas sobre as especificidades do trabalho e do discurso jornalísticos performados pelos arranjos alternativos e/ou independentes nas plataformas podem ser identificadas a partir da leitura dos arquivos de dados coletados pelo software Netlytic. A seguir, apontaremos alguns desses rastros, ainda elementares, mas norteadores da leitura da base de dados que elaboramos para a realização da pesquisa.

4. Metodologia da pesquisa a partir da ferramenta Netlytic

A pesquisa para compreender que tipo de jornalismo praticam os novos arranjos alternativos e/ou independentes foi iniciada com a discussão do processo metodológico para atender aos objetivos desenhados. Foi definido que o material discursivo produzido pelos arranjos é a materialidade concreta do resultado de todo o esforço do trabalho verificado durante a investigação intitulada “As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia”, realizada entre os anos de 2017 e 2018 (Figaro, 2018).

A primeira decisão metodológica tomada pelo grupo foi o reconhecimento da impossibilidade de observar e coletar a produção jornalística dos arranjos de forma manual dado o volume de conteúdos publicados pelos arranjos. Essa conclusão nos levou à aquisição dos softwares NVivo e Netlytic. O primeiro mais adequado para a coleta e a organização do material jornalístico publicado nos sites e o segundo direcionado para coletar material nas redes sociais.

O software Nelytic é empregado para o monitoramento e pesquisa em mídias sociais e foi desenvolvido pelo professor Anatoliy Gruzd, da Universidade de Ryerson, no Canadá. Com objetivo de auxiliar pesquisas acadêmicas em mídias sociais, a ferramenta também pode ser usada em apoio a projetos comerciais, segundo o Instituto Brasileiro em Pesquisa e Análise de Dados. Na sua versão mais avançada, permite captar até 30 milhões de unidades de conteúdo por ano de fontes diversas como Twitter, Facebook, YouTube, Instagram, Feeds e Google Drive. No caso do Facebook, são coletados

até 25 comentários nos últimos 100 posts em páginas, grupos ou eventos, em requisições que podem ser feitas de hora em hora. Não são coletadas respostas a comentários.

Após a coleta, é possível limpar os textos, removendo palavras específicas e transportar os dados para softwares como o Excel. A análise de dados permite a contagem de palavras mais frequentes, sua frequência ao longo do tempo, que permite também identificar a relevância dos tópicos e visualizar palavras-chave em contextos. Também é possível realizar classificações automatizadas a partir de categorias inseridas pelo pesquisador ou por categorias padronizadas pelo software, como sentimentos, quantidade, tamanho, tempo. O software permite ainda a visualização de redes e a elaboração de relatórios com dados sobre frequência de palavras, localização, fonte e análise textual a partir de categorias.

Definido o modo de coleta dos dados, o passo seguinte foi o recorte temático e temporal da coleta do material jornalístico produzido pelos arranjos. Decidimos pela temática das eleições porque pressupõe-se que veículos jornalísticos tratem do assunto mais importante no período no país. Desse modo, ao definirmos o tema também direcionamos nossa observação e coleta para o período pré-primeiro turno (30/09 a 08/10/2018); e pré-segundo turno (21 a 29/10/2018). Dessa forma, foram coletadas postagens realizadas pelos 27 arranjos que integram o universo da pesquisa nas redes Facebook e Twitter. Para este artigo, restringimos nosso olhar aos conteúdos provenientes apenas da coleta do Facebook, o que já resultou em 54 tabelas Excel com volumes de dados variáveis, que vão desde tabelas com dezenas de unidades a outras com mais de 10 mil unidades.

Os dados utilizados e selecionados para esse artigo foram coletados a partir de várias etapas. A primeira consistiu em uma observação das tabelas brutas, sem intervenção do analista humano - apesar de ela já ter passado pela organização e categorização automática realizada pelo próprio software - em que pudemos identificar quais categorias elencadas pelo próprio Netlytic interessavam aos objetivos e reflexões aqui desenhados. A segunda etapa consistiu na limpeza dos dados com auxílio do Excel. Dentre as 14 categorias apresentadas, optamos em trabalhar com seis (data e hora de publicação, autoria, título, descrição, tipo e contagem de likes). A partir delas, elaboramos novas tabelas em que selecionamos apenas postagens de autoria atribuída aos arranjos, descar-

tando os comentários, e elaboramos a categoria “palavras-chaves” a partir da observação dos títulos e descrições das postagens. A partir disso, elencamos algumas hipóteses e inferências sobre o trabalho e o discurso jornalísticos dos arranjos alternativos e/ou independentes, com destaque para periodicidade, visibilidade, sensibilidade ao tema eleições e uso da plataforma.

5. Rastreamento do trabalho e o discurso jornalísticos

O primeiro nível de interpretação sobre o discurso dos arranjos econômicos alternativos refere-se aos dados extraídos e compilados pelo Netlytic a partir das categorias determinadas pelo software. Essa leitura de cientistas, tal como aborda Pêcheux, é quantitativa e indicativa apenas do modo como os arranjos tornam visíveis sua produção. Informações verbais extraídas pelo software, como título e resumo das matérias postadas, permitem avaliar o conteúdo das reportagens. Neste caso, é possível compreender a sensibilidade do grupo de 27 arranjos pesquisados ao tema das eleições em 2018.

O primeiro aspecto a ser observado é como tais arranjos alimentam a circulação de notícias. Lembremos que a circulação discursiva é determinante para a compreensão do funcionamento das mídias digitais. Fazer o discurso circular, movimentando os sentidos nos espaços definidos na plataforma é condição para que os sentidos se definam em relação às muitas vozes que podem ser mapeadas e identificadas na rede. Mídia Ninja e Jornalistas Livres são os arranjos que mais fazem suas mensagens circular, em formatos de vídeos, fotos e links. Estas posições se mantêm tanto no período do primeiro quanto no segundo turno. Entre os que mais publicam, também podemos incluir Nexo Jornal, Viomundo, Opera Mundi e B9, com mais de 500 publicações no primeiro turno.

No segundo turno, agrega-se a este grupo o Justificando. Em nível intermediário, podemos situar Agência Pública, Justificando e Outras Palavras, com mais de 200 publicações no primeiro turno. No segundo turno, observa-se a mesma posição desses arranjos entre os que mais publicam. Os demais arranjos, tanto no primeiro quanto no segundo turno, apresentam menos de 100 publicações no período analisado.

Tabela 1 - Análise dos dados do Facebook

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
 Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO) – Novembro de 2019

.....

Arranjo	Primeiro Turno (30/09 a 08/10/2018)					Segundo Turno (21 a 29/10/2018)				
	Total Publicações	Só do arranjo	Vídeos	Fotos	Links	Total Publicações	Só do arranjo	Vídeos	Fotos	Links
Mídia Ninja	13353	625	3965	7739	1304	32110	981	235	482	711
Jornalistas Livres	12689	546	256	173	96	28796	1062	524	384	119
Nexo Jornal	1458	116	31	42	1222	1445	115	26	72	1295
Viomundo	986	56	193	0	776	1157	84	96	0	1042
Ópera Mundi	761	86	80	29	634	954	81	96	71	711
B9	583	51	0	1	562	796	79	0	0	79
Agência Pública	475	29	4	1	473	363	49	0	0	49
Justificando	260	130	0	0	130	336	33	0	1	31
Outras Palavras	249	34	118	23	113	293	38	169	0	123
Revista Az-Mina	87	8	51	8	12	62	14	4	9	2
Mães de Peito	40	7	0	9	31	61	10	2	8	0
Nós Mulheres da Periferia	36	17	17	3	16	53	6	1	24	26
Mobilize Brasil	31	18	1	10	19	47	30	26	13	7
Lado M	23	22	0	1	23	36	23	1	14	20
Periferia em Movimento	22	20	3	0	20	28	6	1	0	27
Pressenza	18	16	0	5	5	26	15	3	8	15
Think Olga	18	1	3	12	2	24	23	0	3	4
O Novelo	17	10	0	6	6	24	13	3	6	4
Envolverde	16	15	2	5	9	18	17	3	9	6
Énóis	14	7	0	2	5	9	5	1	1	7
Central 3	10	10	3	6	1	5	5	3	0	2
Sound Like Us	9	5	0	5	5	4	3	4	0	4
Volta Data Lab	8	6	0	0	8	4	4	0	0	4
Migramundo	7	6	1	0	10	4	4	0	0	4
Democratize	5	3	3	0	0	2	1	0	0	2
Ciranda Internacional	2	2	0	0	2	1	0	1	0	0
Vozes da Periferia	1	1	0	1	1	1	1	0	0	4

Fonte: autores

Estes dados se referem à capacidade produtiva dos arranjos num momento de intensa produção e circulação noticiosa no espaço brasileiro. Ao se comparar os dados entre eles, podemos inferir que os grupos de arranjos acima mencionados têm mais condições, seja do ponto de vista de sua estrutura ou da organização do trabalho, de fazer frente à produção de notícias exigida no momento. Suas condições de produção são assim mais adequadas para atender a uma demanda por informação. Nesse sentido, os dados referentes à produção são um indício da forma como estes arranjos trabalham e permitem organizá-los a partir de uma lógica de produtividade, que atende aos ditames do sistema de produção capitalista.

Observa-se ainda que entre os arranjos que mais produziram nos períodos observados há uma intensificação das publicações no segundo turno, momento em que a polarização do eleitorado se torna mais explícita e que a campanha chega à reta final. A julgar pelos resultados obtidos, é possível dividir os arranjos em quatro grupos: os que mais publicam e parecem manter uma produção regular de notícias, categoria que inclui Mídia Ninja, Jornalistas Livres, Nexo Jornal, Viomundo, Opera Mundi, B9 Agência Pública, Justificando e Outras Palavras. Neste grupo, parece haver mais condição de produção periódica de notícias e perfil editorial mais aberto à discussão sobre as eleições. Numa segunda categoria, que inclui Revista Az Mina, Mães de Peito, Nós Mulheres da Periferia, Mobilize Brasil, Lado M, Periferia em Movimento, Pressenza, Think Olga, O Novelo, Envolverde, É Nós e Central 3, tem-se arranjos de menor porte e com temas mais especializados, que respondem dentro de suas possibilidades e a partir do seu eixo de interesses ao agendamento da campanha eleitoral. O terceiro grupo, composto por Sound Like Us, Volt Data Lab, Migramundo, Democratize, Ciranda Internacional e Vozes da Periferia, são os que têm menor intensidade em publicações no período, seja por conta do seu perfil editorial ou pelas condições de trabalho.

Outro aspecto que chama a atenção é a capacidade dos arranjos de produzirem materiais em suportes variados. Neste quesito, podemos observar que o uso de fotos, vídeos e links, é mais uniforme nos arranjos que mais publicam conteúdo, ou seja Mídia Ninja e Jornalistas Livres. O Nexo Jornal, Viomundo, Opera Mundi e Outras Palavras também conseguem difundir o conteúdo que produzem em suportes variados, mas com

menos intensidade e, por vezes, não se utilizando de algum deles. A partir desses dados, é possível pensar em um trabalho mais especializado entre os que mais se utilizam desses recursos, a julgar os períodos analisados. Nos demais arranjos, a utilização dos recursos possíveis mapeados pelo Netlytic é irregular, com predomínio de links. A produção de fotos e vídeos, que exigem por vezes, a utilização de mais recursos e tempo de produção nem sempre é realizada. Desse modo, o trato com os suportes variados de mídia se concentra entre os arranjos que parecem estar mais estruturados para a produção diária de notícias.

Os tipos de suportes utilizados também dão pistas sobre a natureza da produção jornalística dos arranjos, se nativa ou não. As fotos, vídeos e a atualização de status podem configurar conteúdos nativos, pois indicam que o arranjo carregou os conteúdos diretamente na plataforma, por meio da ferramenta “foto/vídeo” disponível na *timeline* do Facebook. Já os links correspondem a produções editoriais externas que são compartilhadas diretamente do site. É importante lembrar que essa possibilidade de compartilhamento direto para a rede é uma das benesses da programabilidade das plataformas, indicativa da plataformização da web e denota a construção de um interdiscurso entre o site do arranjo e seu perfil na plataforma por meio da hipertextualidade, uma característica essencial do jornalismo na internet, assim como a interatividade (Mielniczuk, 2003).

A Agência Pública, por exemplo, postou apenas um conteúdo nativo. As demais postagens tratava-se de links para o site. Já o Jornalistas Livres realizou mais conteúdos nativos. Essa preferência se explica pelo imediatismo que caracteriza o trabalho do arranjo, com coberturas ao vivo realizadas por meio de *lives*, que avolumam mais a já intensa rotina de cobertura no período eleitoral. É relevante mencionar que o Facebook incentivou a produção de conteúdos nativos disponibilizando a ferramenta *Instant Articles* para a criação de publicações em formatos que podem ser lidos diretamente na plataforma. Mais do que assumir o papel de *publisher* por meio dessa ação, o Facebook intenta manter a audiência dentro da plataforma.

Outra inferência possível a partir dos dados coletados via Netlytic diz respeito à visibilidade. O caso dos Jornalistas Livres, com 1.627 postagens nas semanas analisadas denota um esforço para alcançar visibilidade dentro da própria plataforma, a despeito da

opacidade dos algoritmos. Durante o primeiro turno eleitoral, as publicações do arranjo chegaram a ultrapassar 2.500 curtidas. No segundo turno, a postagem do arranjo que obteve melhor performance de visibilidade capitalizou 3.072 curtidas.

É preciso ressaltar ainda que a visibilidade sempre foi uma preocupação do negócio jornalístico, ficando a cargo dos setores comerciais nas corporações tradicionais. No jornalismo de plataforma, a gestão da visibilidade é realizada também pelos jornalistas, principalmente no caso dos arranjos, em que há polivalência de funções entre os jornalistas/comunicadores, fazendo com que estes sejam produtores de notícias e, ao mesmo tempo, curadores de outras informações.

Os arranjos preocupados em manter a visibilidade de sua produção investem não apenas em conteúdos jornalísticos, mas debatem junto aos usuários por meio dos comentários e compartilham conteúdos de outros arranjos ou usuários como forma de manter os discursos e as vozes selecionadas em circulação. Dessa, forma, eles manejam a interdiscursividade (Fiorin, 1998) inerente ao ambiente comunicacional das plataformas de mídias sociais, e dão vazão à polifonia (Brait, 2008) que emerge dos comentários, dois conceitos-chave para a compreensão da ordem do discurso (Foucault, 2012) nas plataformas de mídias sociais e que se tensionados pelo modelo de negócios e pela dinâmica do capital podem transformar o jornalismo em um discurso híbrido atravessado por outros formatos, estilos, gêneros e objetivos.

Considerações finais

Essa breve reflexão tocou apenas na superfície dos dilemas relativos à dependência das plataformas de mídias sociais para a circulação da produção jornalística e à pesquisa sobre o trabalho e o discurso jornalísticos por meio de arquivos digitais. A intenção do estudo em andamento realizado pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho é compreender o discurso jornalístico dos arranjos alternativos e/ou independentes de forma a identificar não só os sentidos emanados pelos discursos noticiosos mas o lugar desses agentes na sociedade de plataforma e de como estes tensionam os valores jornalísticos e democráticos contra as lógicas das plataformas de tecnologia que geram valores a partir da exploração de dados.

Para alcançar esses objetivos será necessário ir além do aspecto quantitativo dos dados, ou seja, será fundamental escapar da ideologia do “dataísmo” (Van Dijck, 2017), que exalta a objetividade e neutralidade dos dados, percebendo assim os fenômenos sociais apenas sob o prisma da quantificação. A ruptura com esse pensamento é uma postura que a pesquisadora identifica como essencial para se evitar a falácia de um pensamento causal simplista que atualiza o Positivismo sob a perspectiva do Big Data.

A constituição de um arquivo sobre a produção digital de notícias dos arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia no período das eleições de 2018 nos impõem questões acerca do trabalho que se estrutura nestes arranjos. Vimos que é impossível dissociar a produção em plataformas digitais, cujo funcionamento descrito, aponta para o modos de significação, em que a produção de dados, que possam ser convertidos e analisados numericamente se torna um imperativo para a produção de notícias. A capacidade de se organizar a produção para que a visibilidade e a produção de dados que possam ser rastreados, classificados e interpretados torna-se assim uma condição da produção jornalística. A maior ou menor produção de dados parece ser um indício da assimilação desses arranjos às formas do capitalismo atual.

A análise possível dessa produção deve passar necessariamente pela observação dos dados que são extraídos e classificados automaticamente pelos softwares, que servem à pesquisa e ao mercado. A leitura dos cientistas, na expressão de Pêcheux, torna-se determinante. No entanto, é necessário restituir a opacidade dos dados e produzir questionamentos sobre as formas de ler e as categorias que funcionam como pré-construído da leitura e da interpretação. As formas de sujeição que incidem sobre a produção jornalística e da própria pesquisa devem assim ser observadas e colocadas em análise. O trabalho jornalístico não se restringe à produção de notícias, mas a uma circulação intensa de dados que alimenta as plataformas digitais. A ordem do discurso digital incide no modo como os arranjos buscam organizar sua produção. A facilidade de uso dos meios de produção amplia a base produtiva e a circulação de dados. Neste regime produtivo, as formas simbólicas são quantificadas e mapeadas em função de classificações que atendem à ordem discursiva digital, cuja tradução numérica nos impõe formas de ler e interpretar, esquecimentos e apagamentos, sobretudo do sujeito trabalhador.

Referências

- BELL, Emily; OWEN, Taylor; HAUKA, Codi; RASHIDIAN, Nushin. A imprensa nas plataformas. Como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. In **Revista de Jornalismo ESPM**. São Paulo, N. 20. Ano 6. Jul-Dez, 2017.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: Conceitos-chave**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BRUNO, F. Rastros digitais na perspectiva da teoria ator-rede. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 682-704, set.-dez. 2012.
- DIAS, C. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e constituição do corpus. **Estudos linguísticos**, São Paulo, 44 (3): p. 972-980, set.-dez. 2015 .
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988, série Princípios.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GALLO, S. ; SCHMITT, G. ; SOUZA, C. Ler o arquivo hoje. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C.L. **Michel Pêcheux & análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 251-256.
- GARCIA, D.A.; SOUSA, L.M.A. **Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço**. Conexão Letras, v. 9, n. 11, p.83-97. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55143/33536>. Acesso em 24 jul. 2019.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. **Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- HELMOND, Anne. The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. In **Social Media + Society**. July-December. 2015, p.1–11.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS E ANÁLISE DE DADOS. Como monitorar mídias sociais com a Netlytic, IBPAD, 13 mai. 2016. Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/como-monitorar-midias-sociais-com-a-netlytic/>. Acesso em 24 jul. 2019
- MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese de Doutorado (Comunicação) – UFBA/PPGCC, Salvador, 2003.
- ORLANDI, E. **Ler a cidade: o arquivo e a memória**. In: ORLANDI, E. (org.). Para uma enciclopédia da cidade, 2003, p 7-20.
- ORLANDI, E. P. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, E. P. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA**, v. 16, n. 2, p. 6-17, 17 jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638816>. Acesso em 24 jul. 2019.
- PAVEAU, M.A. **Les énoncés natifs du web: analyse du discours des réseaux sociaux numériques (Twitter, Facebook, Pinterest)**. Campinas: Unicamp, 2014. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/anexos/MAP-Conf.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 55-56.
- PÊCHEUX, M. A aplicação dos conceitos da linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. In ORLANDI, E. (org.). **Análise do Discurso: Michel Pêcheux textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi**. Campinas: Pontes, 2011a, p. 203-226.

PÊCHEUX, M. Análise de discurso e informática. In ORLANDI, E. (org.). In: **Análise do Discurso**: Michel Pêcheux textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011b, p. 275-283.

ROMÃO, L.M.S. De areia e de silício: as tramas do discurso no livro eletrônico. In: **Éspeculo. Revista de estudos literários**. Universidade Complutense de Madrid, 2005a. Disponível em <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero31/silicio.html>. Acesso em 24 jul. 2019.

ROMÃO, L.M.S _____. No país das maravilhas: uma metáfora sobre o dizer na rede. **Letra Magna** (Online), Recife, v. 3, p. 1-12, 2005b.

ROMÃO, L. M.S.; BENEDETTI, C. A navegação do sujeito no discurso jornalístico impresso e eletrônico. In: **Verso e Reverso**. São Leopoldo, v. 22, n. 49, 2008. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/7013>. Acesso em 24 jul. 2019.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martjin. **The platform society**. New York: Oxford University, 2018.

VAN DIJCK, José. Faces da conectividade: Plataformas, Influência e Usuários. [Entrevista concedida a] Isadora Camargo e Carolina Terra. **Revista Parágrafo**, São Paulo: V.5, N.1. JAN/JUN. 2017.

_____ Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social. In **Matrizes**. São Paulo: V.11 - Nº 1 jan./abr. 2017.